

OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA NA ADOÇÃO TARDIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Caroline Fátima Rodrigues Maestri^a, Jéssica Ramos^a, Ketllyn Camassola^a, Luanda Pessoa da Silva^a, Raquel Brizola de Oliveira Silvestre^a, Silvia Maria Pedrotti Mazzotti^{a*}

a) Centro Universitário da Serra Gaúcha - FSG

Informações de Submissão

* Autor correspondente (Orientador)
Silvia Maria Pedrotti Mazzotti, endereço:
Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do
Sul - RS - CEP: 95020-472

Palavras-chave:

Adoção Tardia. Sistema Familiar.
Contemporaneidade. Subsistemas. Terapia
Sistêmica.

Resumo

Este estudo tem como tema principal os Desafios da Família Contemporânea na Adoção Tardia de Crianças e Adolescentes e tem como objetivo investigar as contribuições da abordagem sistêmica nos desafios da adoção tardia, compreendendo e descrevendo a estrutura familiar. E os específicos serão investigar a reconfiguração do sistema e subsistemas familiares em uma adoção tardia e compreender o sistema familiar e as motivações para a adoção tardia. Deste modo, buscou-se compreender os cuidados necessários que as estruturas familiares precisam ter com a criança ou adolescente recém-adotado. O referido estudo caracteriza-se como uma revisão de literatura, a partir de um levantamento bibliográfico. Nesta análise, fica evidenciada que a adoção tardia ainda é um tema complexo, é necessário a formação de uma nova configuração no sistema familiar, onde a criança ou o adolescente possa se adaptar ao novo sistema e que as barreiras operem em homeostase para que o convívio familiar se torne harmonioso e que um bom vínculo seja criado, o recém adotado precisa sentir-se acolhido e desejado. Contudo, se compreende que a adoção tardia tem sim seus desafios, por ser um processo muito delicado, tratando-se de uma criança ou adolescentes com seus valores e crenças e em certo momento de sua vida precisa adaptar-se em uma nova estrutura familiar. Tanto para a criança como para a família a adoção traz novas experiências e novos padrões familiares. Os desafios do dia a dia não podem ser deixados de lado tanto da criança como da família que a acolhe. A terapia familiar envolve uma maneira nova de se pensar, construindo e fortalecendo os vínculos, sendo uma indicação importante a famílias com crianças adotadas. Sendo assim, a abordagem sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas também considera o contexto e as relações estabelecidas no sistema como um todo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca salientar os aspectos relevantes dos desafios que as famílias encontram em uma adoção tardia. Será possível compreender os cuidados necessário que as estruturas familiares precisam ter com a criança ou adolescente recém-adotado. Partindo da problemática que questiona quais os desafios que as famílias contemporâneas encontraram na configuração dos membros com crianças e adolescentes em uma adoção tardia?

Pereira e Costa (2005) mostram que existe uma grande escassez de familiares que querem adotar crianças com mais idade. É importante salientar, que muitas dessas crianças e adolescentes são vítimas dessa escassez, e em virtude disto, acabam atingindo a maioridade no abrigo.

Para Otuka *et al* (2013), grande parte de pais que optam pela adoção, são pessoas estéreis. Porém é preciso realmente mostrar interesse e desejo ao adotar uma criança, ter um ambiente bom e mostrar que pode acolher esta criança ou adolescente que fará parte do seu lar.

Bicca e Grzybowski (2014) relatam que através de pesquisas feitas, muitas mostram que o período de adoção gera muitos desafios para a família, em uma adoção tardia é ainda mais complexo. Observou-se que são desafios comuns, mas que precisam de atenção para serem superados ao efetuar mudanças na rotina familiar, durante a fase de adaptação é necessário ter muito cuidado e não esquecer que este novo membro familiar já vem com uma história e comportamentos que precisam ser levados em conta. Nestas pesquisas o desejo da parentalidade parece ultrapassar todos os desafios que surgem ao adotar uma criança com mais idade.

O objetivo geral será investigar as contribuições da abordagem sistêmica nos desafios da adoção tardia, compreendendo e descrevendo a estrutura familiar. E os específicos serão investigar a reconfiguração do sistema e subsistemas familiares em uma adoção tardia e compreender o sistema familiar e as motivações para a adoção tardia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao tratar-se de adoção, é importante estar ciente que muitos desafios irão surgir e é preciso preparar-se para acolher bem este novo membro familiar. Procurar ajuda com

acompanhamento psicológico pode ser de grande valor para adaptar-se melhor a esta nova fase.

Conforme Gondim *et al* (2008) relata, é necessário estar ciente que está família precisa oferecer conforto, afeto e muito amor para a criança sentir-se acolhida, porém não se pode negar que a criança precisa ter uma família e o processo de adoção é necessário.

A procura maior é por bebês brancos, as crianças ou adolescentes, acabam muitas vezes ficando muito tempo sem serem adotados por medo gerados pelos pais, assim como, o medo de não conseguir educar a criança ou adolescente, dos vícios que eles podem trazer consigo, o medo de que os pais biológicos pudessem requerer de volta o adotado e até o temor de serem criticados pela sociedade que ainda tem muito preconceito quanto a isso, embora seja muito desejada a adoção tardia, ainda é marcada por preconceitos ditos pela sociedade. Neste caso o acompanhamento psicológico pode ajuda-los a conscientizar-se que a adoção tardia também traz muitos benefícios (GONDIM *et al*, 2008).

Geralmente, esses pais sabem pouco da vida anterior da criança, o que se torna um grande desafio, é necessário que eles superem os medos e possam adaptar-se com uma nova família, mas vale ressaltar a importância desses pais saberem o mínimo da rotina que a criança tinha, de como era a vida com os pais biológicos antes de irem para adoção, para ser mais fácil a adaptação (COSTA E FERREIRA, 2007).

Segundo Costa e Ferreira (2007), através de análises com pais e mães, em uma adoção tardia, mostram que os desafios e cuidados são difíceis e ao mesmo tempo frágeis, não é construído vínculos facilmente, tudo passa por um processo e cada um vai se adaptar em um determinado tempo. Na adoção tardia existe muita tensão por ser um processo mais complexo, na qual o adotado se posiciona de uma forma mais ativa do que um bebê. Existe uma história de vida anterior, e isso é um dos maiores desafios dos pais, é preciso ter cuidado e paciência para poder estabelecer novas relações, cuidado ao falar, ao ouvir e até mesmo ao tentar educar. Está criança precisa sentir-se acolhida e cuidada.

Vínculos afetivos assemelham-se a uma boa qualidade física e mental, incluindo o apego, afeto, sentido de pertencer à família, sentir-se realmente acolhido pelos adotantes. É importante frequentar grupos de apoio, para preparar-se e vencer os supostos medos que surgem antes e durante a adoção tardia, muitas vezes criando expectativas negativas, e ao frequentar o grupo, se darem conta que esse pavor que eles criam, geralmente não existe. Esses medos é o que acabam deixando muitas crianças mais velhas por muitos anos na fila de

espera, os desafios sempre irão ocorrer, mas com os cuidados necessários ambos irão se adaptar. É um direito da criança e do adolescente pertencer à uma família (CAMARGO, 2005).

Bento (2008) considera que esses pais substitutos podem sim suprir as necessidades da criança ou adolescente, na medida em que estabelece vínculos e cria uma relação íntima de cuidados, que consiste em um modo de agir de forma positiva, incluindo atenção, carinho e amor. É preciso ter uma convivência saudável para um bom desenvolvimento deste novo membro.

2.1 Contribuições da abordagem sistêmica para o processo da adoção

A terapia sistêmica familiar trabalha com diferentes técnicas e autores, que são de grande importância em todo processo de adoção sendo ele desde o processo de adaptação até a psicoterapia de famílias adotivas, estruturação da rede social da família adotiva; identificação das relações triangulares dentro do sistema familiar; análise das heranças trigeracionais e repetição dos sintomas nas gerações; análise dos segredos familiares e sua influência sobre a família e análise dos mitos familiares (ALVES, 2006).

A terapia de família visa a separar as fronteiras com o exterior, nos casos em que o casal tenha essa dificuldade específica. Com a chegada dos filhos, o casal adquire uma nova função: a parental, que caracteriza a família como educadores desta nova criança e para isso acontecer o casal precisa ter um bom vínculo (MINUCHIN, 1995).

Entre pais e filhos, como entre o casal e o mundo exterior, é preciso que existam fronteiras bem definidas e reguladas por regras que determinam quem e como se participadas relações familiares, formando-se assim o subsistema parental.

Conforme Papero (1998) na psicoterapia familiar o terapeuta irá auxiliar cada membro da família a diferenciar-se uns dos outros de forma que cada um possa vivenciar seu processo de individuação, assim eliminando os sintomas que possam vir a surgir no sistema familiar. Esse processo é igual também nas famílias adotivas, o filho adotivo também necessita fazer a diferenciação dos pais tão quanto o filho biológico. Apesar disso, alguns pais adotivos com intenção de proteger seu filho diante de momentos de preconceito, não permitem que ocorram

diferenciação e individualização da criança perante seu ciclo familiar, acarretando em futuros danos ao sistema familiar.

Segundo Barker (2000) a família adotiva sempre vai querer proteger o filho adotivo, mas o que a família precisa entender é que o melhor é sempre educar o filho de forma que ele consiga e se torne autônomo, que ande com suas próprias pernas com muito amor e segurança. Muitos serão os momentos em que ele terá que lidar com as questões da adoção durante sua vida e se ele não estiver preparado, os problemas se tornaram ainda maiores.

A terapia sistêmica e familiar permite o trabalho com as redes sociais de famílias. Isso significa que o trabalho com as redes permite que a família visualize aquilo que muitas vezes pode estar esquecido dentro do ciclo familiar. Permite também que a família organize sua rede, de forma que possa ter uma visão mais clara dos integrantes que a constitui. Esse processo é feito juntamente com o terapeuta e os integrantes principais da família, o que traz grande valor para o andamento do processo psicoterapêutico (ALVES, 2006, p.38).

É importante verificar no processo da adoção, se houve nas gerações passadas dessa família, outros familiares que também adotaram crianças. O genograma é um instrumento bastante utilizado, ele proporciona uma aproximação com o processo de transmissão familiar tramado de geração em geração. O genograma, inserido na conversação terapêutica, transcende suas origens funcionalistas, para transformar-se num recurso de compreensão colaborativa (KRUGER, 2008).

Pesquisar como ocorreu a adoção, e quais os motivos que levaram as famílias passadas a adotarem. Esse fato no processo terapêutico pode vir a contribuir produzindo alívio aos pais, que muitas vezes se sentem excluídos da família, pelo fato de não poderem ter tido filhos biológicos. As histórias contadas, através do genograma, integram o patrimônio relacional das famílias (Vitale, 2004).

Outro fator importante em que a terapia familiar torna-se de grande valia é o trabalho terapêutico no intuito de ajudar a família a lidar com a questão no preparo e auxílio, no momento de tomar a decisão de contar a verdade para o filho adotivo.

2.2 O segredo familiar e suas contribuições para o tratamento da adoção e reflexões à cerca da paternidade/maternidade

Na preocupação de proteger a criança a grande maioria dos pais prefere o segredo, na intenção de poupa-la de sofrimento considerando a situação da família biológica muitos pais carregam este fardo por insegurança, medo do preconceito que pode vir tanto para a criança quanto para os próprios pais adotivos por não poder gerar devido à infertilidade, idade avançada.

A constante preocupação provoca certo incomodo na relação com os pais adotivos e familiares no convívio diário, tudo o que está relacionado a história existencial da criança é seu direito tomar conhecimento da maneira mais natural e simples possível por isso a importância de se trabalhar os pais antes mesmo da adoção se concretizar, porque uma boa elaboração destas questões evitara muitos conflitos. Buscando sempre uma relação de confiança e transparência nos diálogos reafirmando os laços que deram forma esta família pensada e realizada com muito afeto. (FLARTMAN,1994)

Hartman (1994) destaca algumas teorias que contribui para o trabalho de segredo familiar na adoção como teoria narrativa, construtivismo social e a teoria e pratica de família de origem Bowen e teoria sistêmica familiar. A narrativa possibilita ir dialogando desde o começo de tudo até o momento atual e assim todos encontram sua função na família. Outra teoria esclarece que quanto mais os pais tentarem esconder mais curiosidade tem o adotado de saber do seu passado sugere a teoria e pratica de família de origem Bowen. Em quanto que a teoria Sistêmica alerta para os prejuízos caudados pelo manter segredo e temas como confiança e comunicação familiar e ansiedade pelo que não é falado são abordados e conferem bons resultados.

As relações familiares passaram por muitas mudanças nestas últimas décadas levando a rever o lugar do homem e da mulher e sua interação social. Novos conceitos vão se descortinando quanto à parentalidade, considerando sempre o contexto em que vive cada família, as suas experiências subjetivas, observando à cultura a classe social e as regras e as relações estabelecidas com cada integrante.

A função de cada um dos cônjuges já está previamente determinada devido a uma forte cultura enraizada em nossa sociedade desde a divisão de tarefas e obrigações quanto ao papel paterno e materno, há um lugar para cada um e este espaço tem sofrido alterações sendo necessária uma revisão para melhor compreender as mudanças que estão ocorrendo, o porquê dos acontecimentos e o que está por volta destes fatos (VASCONCELLOS, 2006).

2.3 Reconfigurações do sistema e subsistemas familiares

Segundo a Teoria Sistêmica, a família pode ser vista como uma rede de relações bastante complexa, a qual se diferencia através dos subsistemas, e exerce suas funções de acordo com eles.

Carter e McGoldrick (1995) destacam que tornar-se um casal é uma das fases mais difíceis do ciclo de vida familiar. Desse modo, a forma como o casal se relaciona, pode interferir em diversos aspectos na transição da conjugalidade, marido e mulher, para a parentalidade, pai e mãe, principalmente, porque se trata de um período de mudança de papéis, de adaptação, onde tudo é novo e diferente para o casal, sem contar que a responsabilidade aumenta, com a chegada de um novo membro na família, que é o filho.

Quando se trata de adoção não é diferente, pois a transição da conjugalidade para a parentalidade ocorre da mesma forma, e o casal assume o papel de pai e mãe. Em relação a adoção tardia, Costa e Rossetti-Ferreira (2007), contribuem no sentido de esclarecer que, as dificuldades de adaptação podem ser mais significantes, principalmente quanto à vinculação afetiva com uma criança maior ou um adolescente, pelo fato de que eles interagem e manifestam suas próprias opiniões, muitas vezes colocando os pais adotivos em situações que ainda não sabem como lidar.

A dinâmica familiar é totalmente alterada com a chegada de um filho, seja ele biológico ou adotivo, sendo assim necessário a construção de novas regras, para colaborar com a convivência, criação de vínculos e solidificação dos seus respectivos papéis. É importante que tenham um suporte psicológico principalmente quando se trata da adoção tardia, para que enfrentem da melhor forma possível a fase inicial, pois podem ocorrer conflitos e dificuldades de adaptação, levando em conta as novas regras e limites aos quais são submetidos.

Os pais com filhos adolescentes, muitas vezes enfrentam dificuldades para compreender a crise de identidade pela qual os filhos estão passando nessa fase, que é uma transição da infância para a vida adulta, onde ocorrem mudanças físicas e emocionais.

De acordo com Rosset (2008), quando pensamos sistemicamente não existe certo ou errado, culpado ou inocente, vítimas ou bandidos, tudo depende do ângulo que estamos observando. Desse modo, é possível buscar novas alternativas de funcionamento e mudança, sendo assim, na relação com pais e filhos, funcionar de forma sistêmica, faz uma profunda

diferença, pois através do diálogo e da interação é possível ocorrer à reflexão e assim rever as verdades, proporcionando aceitação de ambas às partes.

Normalmente os pais criam grandes expectativas em relação aos filhos, enquanto são crianças é mais fácil conduzi-los de acordo com seus desejos, mas na fase da adolescência, os filhos passam a transparecer sua verdadeira identidade, suas preferências, seus sentimentos e seus anseios, podendo assim causar decepção aos pais. Conforme a autora Rosset (2008), apesar da dificuldade de compreensão, os pais precisam entender que ser diferente daquilo considerado ideal por eles, pode ser muito saudável e funcional.

2.4 Motivações para adoção

Ebrabim (2001) afirma que pessoas que adotam criança com uma idade mais avançada, quando comparados com adotantes altruístas, mostram ter índices mais elevados de estabilidade emocional e serem mais maduros.

Percebe-se que os candidatos altruístas geralmente justificam sua escolha por crianças recém-nascidas pelo fato de que as crianças mais velhas teriam maior dificuldade de se adaptar a eles, como se fosse um mito, visto que, se ocorrer afetividade entre os pais e a criança mais velha, nada vai impedir que a adoção seja um sucesso. Isso talvez tornaria o convívio social mais difícil de ser realizado ao citar que segundo as famílias adotivas, seria difícil uma criança que passou por adoção tardia, aceitar os padrões estabelecidos pela nova família. (EBRABIM, 2001).

Osorio e Pascual do Valle (2009) relatam que as famílias com filhos adotivos precisam incluir a história dos adotados nas suas vidas, para poder enfrentar os mitos da adoção, que muitas vezes aparecem em forma de expectativas criadas diante da origem destas crianças ou adolescentes. Antes da vigência do ECA, não existia um apoio técnico adequado, pois os procedimentos eram feitos por profissionais que não tinham capacitação na área familiar, depois do ECA, surgiram mudanças significativas, tornando-se mais frequente a adoção tardia.

A equipe do abrigo acompanha essa família no processo de vínculo que está sendo criados, primeiramente os pais recebem a guarda da criança, que é reversível, a partir disso a família entra em contato com todas as informações existentes sobre esta criança e nesse processo de adaptação devem ser observadas a evolução da convivência desta nova família e o ambiente familiar que precisa ser saudável para a adoção.

Cabe ao terapeuta ajudar esses pais a formarem uma nova família, informando-as que não devem guardar segredo sobre a adoção e aceitarem as origens biológicas dessa criança ou adolescente, o genograma ampliado, inclui a história da família biológica e da adotiva, acaba trazendo um alívio para a família e uma sensação de missão cumprida. Este processo de elaboração na terapia transforma essa família com filhos adotivos em uma família com filhos, na qual eles foram adotados no passado e hoje existe o sentimento de serem verdadeiramente seus filhos (OSORIO e PASCUAL DO VALLE, 2009).

Desse modo, uma nova configuração familiar precisa se reestabelecer e formar novos vínculos para que a criança ou adolescentes se sinta acolhido como um novo membro no sistema familiar, estes vínculos afetivos precisam ser fortalecidos sempre.

3 METODOLOGIA

Este trabalho pode ser definido como uma revisão de literatura, a partir de um levantamento bibliográfico, em que o objetivo foi aprofundar o conhecimento sobre os desafios encontrados no sistema familiar com crianças e adolescentes em uma adoção tardia. Para alcançar tal intento foi realizada uma pesquisa qualitativa, os dados foram encontrados em artigos científicos no google acadêmico e no scielo. Após o levantamento bibliográfico, foram coletados dados de artigos, lidos e analisados, e assim, desenvolvido o trabalho. As palavras chaves usadas foram: Adoção, adoção tardia, sistema e configuração familiar.

Será feita uma análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009) *apud* Farago e Fofonca, descrever a análise de conteúdo é descrever as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações, é seguir passo a passo uma abordagem qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização da técnica, é observar os aperfeiçoamentos e as aplicações de uma prática que funciona há mais de meio século.

A fase de Pré-Análise, é a fase da organização, ela tem por objetivo organizar, embora ela mesma seja composta por atividades não estruturadas. É correspondente por um período de intuições, e nesta fase tornam-se operacionais e sistematizam as ideias iniciais, em seguida será feita a codificação e a interpretação (BARDIN, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção tardia ainda é um tema complexo. O nascimento de um bebê transforma a família e a chegada da criança traz muita felicidade no âmbito familiar, porém quando a criança é adotada tardiamente, se faz necessário uma nova configuração no sistema familiar, onde a criança ou o adolescente possa se adaptar-se ao novo sistema e que as barreiras operem em homeostase para que o convívio família se torne harmonioso.

A estrutura familiar é um conjunto funcional que organiza a forma como os membros integram o sistema. Nesse contexto da adoção tardia a estrutura precisa ser reconfigurada para que os papéis estabelecidos operem em constante equilíbrio estabelecendo assim uma boa relação e juntos enfrentando as mudanças e barreiras naturais que possam surgir no ambiente social e familiar.

O desafio das famílias é voltado as diversidade e particularidades de seus membros e de como estes se comportam e definem seus papéis no sistema familiar. Portanto, se faz necessário uma releitura dos conceitos, sendo estes conceitos singulares para que o funcionamento das variáveis seja amplo e de respeito um a outro.

Contudo, se compreende que a adoção tardia tem sim seus desafios, por ser um processo muito delicado, tratando-se de uma criança ou adolescentes com seus valores e crenças e em certo momento de sua vida precisa adaptar-se em uma nova estrutura familiar. Tanto para a criança como para a família a adoção traz novas experiências e novos padrões familiares. Os desafios do dia a dia não podem ser deixados de lado tanto da criança como da família que a acolhe.

O desejo de muitas famílias é poder criar e educar uma criança, no entanto, muitas relatam experiências maus conduzidas, a falta de diálogo e de flexibilização contribuindo para que fronteiras difusas e por vezes rígidas se estabeleçam no conjunto familiar. Momento em que muitos casais desistem, revidam e resistem à adoção tardia, permanecendo assim no seu subsistema conjugal.

Elkaïm (1998), afirma que “as famílias humanas são uma unidade emocional. Seus membros acham-se ligados uns aos outros de tal maneira que o funcionamento de cada um deles automaticamente afeta o dos demais” (p. 72). Assim uma criança adotiva ao ser inserida

no sistema familiar necessita sentir-se pertencente afetivamente ao grupo no qual está sendo inserida, caso não ocorra à adaptação no ciclo familiar, ocorrerá desestruturação da família.

A terapia familiar envolve uma maneira nova de se pensar, construindo e fortalecendo os vínculos, sendo uma indicação importante a famílias com crianças adotadas, proporcionando assim circuitos de feedbacks positivos e negativos, contribuindo do crescimento e funcionamento de uma família. Entretanto, a subjetividade do novo membro deve ser levada em conta para que o tempo de adaptação seja respeitado.

Segundo Wagner (2011) em meio às diversas mudanças sociais das últimas décadas, pode-se dizer que a pluralidade de arranjos familiares pode ser considerada como uma das características mais marcantes destes novos tempos: divórcios, recasamentos, uniões homoafetivas, adoção, pais e mães solteiros, poliamor, entre outras, são configurações relacionais que têm aparecido e passam a conviver com o modelo tradicional da família nuclear. Esse cenário acaba por demandar uma postura mais flexível, que permita integrar novas formas de ser família.

De modo geral o papel da paternidade vem se destacando nas relações adotivas, assim como nas relações familiares de uma maneira geral, são processos complexos e multi-influenciados, construídos e redefinidos a cada momento histórico, cultural e social, que interage com aspirações individuais e subjetividades. Dessa forma, ser pai implica poder pensar e refletir esses processos e, na medida do possível, buscar condições e maneiras de exercer esse papel de forma mais autêntica, espontânea e plena.

Vasconcellos (2013) destaca o novo paradigma da ciência que implica em vários paradigmas contemporâneos, propondo pensamentos sempre em sua articulação. Distinguindo as conexões e articulações na forma sistêmica de pensar. Não se trata de uma mudança de paradigma que destrói ou que vem trazer algo novo para substituir o antigo.

Concebo o pensamento sistêmico como uma nova visão do mundo, uma nova forma científica de ver e pensar os acontecimentos no mundo, que tendo consequências fundamentais para as práticas científicas, cotidianas e para os relacionamentos. A nova forma de ver e pensar o pensamento sistêmico desencadeia mudanças radicais na forma de estar e de agir no mundo (VASCONCELLOS, 2013).

Portanto, o pensamento sistêmico é uma nova forma de abordagem que compreende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade. Sendo assim, a abordagem

sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas também considera o contexto e as relações estabelecidas no sistema como um todo.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, S. M. A. (2006) **Contribuições da Abordagem Sistêmica e Familiar para o Processo da Adoção.**

AUN, JULIANA GONTIJO. VASCONCELLOS, MARIA JOSÉ ESTEVES e COELHO, SÔNIA VIEIRA. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos** – 2º ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2006.

BARDIN, LAURENCE. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARKER, P. (2000). **Fundamentos da Terapia Familiar.** (*Sistemas, Famílias e Terapias, Vol. 06*). Lisboa: Climepsi Editores.

BENTO, RILMA. **Família substituta: uma proposta de intervenção clínica na adoção tardia.** São Paulo. 2008.

BICCA, AMANDA e GRZYBOWSKI, LUCIANA SUÁREZ. **Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação.** *Contextos Clínic* [online]. 2014, vol.7, n.2, pp. 155-167. ISSN 1983-3482. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.72.04>.

CAMARGO, MÁRIO LÁZARO. **A adoção tardia no Brasil: desafios e perspectivas para o cuidado com crianças e adolescentes.** In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2, 2005, São Paulo.

CARTER, BETTY; MCGOLDRICK, MONICA. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar** (2º ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, NINA ROSA DO AMARAL e ROSSETTI-FERREIRA, MARIA CLOTILDE. **Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia.** *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2007, vol.20, n.3, pp.425-434. ISSN 0102-7972. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000300010>.

FARAGO E FONFOCA. **A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações.** 2009. Edição 18.

FLARTMAN, A. **Segredos na família e na terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GONDIM, NA KAREN et al. **Motivação dos pais para a prática da adoção.** *Bol. psicol* [online]. 2008, vol.58, n.129, pp. 161-170. ISSN 0006-5943.

HARTMAN, A. (1994). **Segredos na Adoção.** In E. Imber-Black (Org.), **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar.** (pp.94-112). Porto Alegre: Artes Médicas.

KRUGER, LIARA LOPES; WERLANG, BLANCA SUSANA GUEVARA. **O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico.** Aval. psicol., Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 415-426, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 maio 2017.

MINUCHIN, S. (1995). **A cura da família.** Porto Alegre: Artes Médicas.

OTUKA, LIVIA KUSUMI; SCORSOLINI-COMIN, FABIO e SANTOS, MANOEL ANTÔNIO DOS. **Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos contextos para a parentalidade.** Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2013, vol.30, n.1, pp.89-99. ISSN 1982-0275. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2013000100010>.

PAPERO, D. V. (1998). **A Teoria Sobre os Sistemas Familiares de Bowen.** In M. Elkaim (Org.), **Panorama das Teorias Familiares.** Vol. 1. (pp. 71-100). São Paulo: Summus.

PEREIRA, JULIANA MARIA FERNANDES e COSTA, LIANA FORTUNATO. **Os desafios na garantia do direito à convivência familiar.** Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. [online]. 2005, vol.15, n.1, pp. 19-31. ISSN 2175-3598.

PONCIANO, EDNA LÚCIA TINOCO; FERES-CARNEIRO, TEREZINHA. **Modelos de família e intervenção terapêutica.** Interações, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-80, dez. 2003. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141329072003000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 maio 2017.

ROSSET, SOLANGE MARIA. **Manual de Terapia Familiar. Famílias com Adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

VALLE, ELIZABETH PASCUAL DO. OSORIO, LUIZ CARLOS. **Manual de terapia familiar.** – Porto Alegre: Artmed, 2009.

VASCONCELLOS, MARIA JOSÉ ESTEVES DE. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência.** – 10° ed.rev.e atual. - Campinas, SP: Papyrus, 2013.

VITALE, M. A. (2004). **Trabalho Psicodramático com Genograma em Terapia de Casais.** Em M. A. Vitale (Org.), **Laços Amorosos. Terapia de Casal e Psicodrama** (pp.234-250), São Paulo: Ágora.

WAGNER, ADRIANA et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões** – Porto Alegre: Artmed, 2011.

